

# O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

## SUMMARJO

*A epilepsia na litteratura moderna realista*, pelo padre Senna Freitas.—SECCÃO SCIENTIFICA: *Calculos da sciencia na immensidade da creação*, por T. da C. C.—EDIÇÕES DE PROPAGANDA CATHOLICA: *O Liberalismo desmascarado*, pelo Conde de Samodães.—SECCÃO LITTERARIA: *Dorothêa e Theophilo, ou os desposados do ceo*, (romance — continuação).—O CLERO NA CAMARA DOS DEPUTADOS: DISCURSO do S. exc.ª rev.ª o snr. dr. Pires de Lima, na sessão de 15 de maio, (continuação).—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.

## Aos nossos assignantes

Quando este numero chegar ás mãos dos nossos assignantes, bem longe de nós deve estar o redactor principal, a alma, a vida d'este periodico.

O exc.ºo padre Senna Freitas, o incansavel trabalhador, o destemido soldado do catholicismo nas lides do sacerdotio e da imprensa, transpoz as fronteiras de Portugal, atravessou a nação hespanhola e acha-se actualmente em Pariz, d'onde voltará em breve a Caunterets, nos Pyreneus, para fazer uso das aguas que alli ha e que tão benéficos resultados lhe deram no anno passado.

Não estranhem, pois, os nossos leitores a sua falta, ainda que não se tornará em demasia saliente, porque nos prometteu, ao dar-nos um aperto de mão, que de Caunterets se não esqueceria do nosso «Progresso.»

Que Deus, Nosso Senhor, faça renascer n'aquelle corpo a saude que tanto se tem adulterado no seu santo serviço, é o que nós, como catholicos e como amigos, desejamos.

O desejo de concluir em breve os importantes discursos do exc.ºo e rev.ºo snr. dr. Pires de Lima, tem feito que sejam supprimidas algumas secções da nossa revista, que encltaremos no proximo numero.

TEIXEIRA DE FREITAS.

## GUIMARAES, 31 DE JULHO

### A epilepsia na litteratura moderna realista

A meu vêr, não é uma requisitoria civil que reclama o estado actual das letras, mas uma consulta medica.

Já alguém disse que metade dos litteratos do realismo (senão a outra metade tambem) precisava do correctivo das galês; solução brutal e inadequada; o hospital é que lhes convinha. A arte contemporaneá exhala um cheiro de pharmacia combinado mais ou menos com o de perfumaria.

Os que vêem no advento do realismo um symptoma de vigor e mocidade, julgam das cousas à flôr da carne. O excesso de colorido que predomina presentemente nos poetas, nos pintores, nos escriptores e artistas *à la mode*, não é mais que uma espessa camada de arrebiche applicada à intelligencia enferma. Debaxo d'esse alvaiade e d'esse carmin que seduzem não ha musculos solidos, não ha polpa, não ha hematosina, isto é, não ha razão, não ha pensamento, nem sombra sequer de senso commum. Tudo se passa na superficie ou na epiderme, fóra, portanto, do espirito e no que o homem tem de mais exterior e menos animico, na pura imaginação e na substancia nervosa commum a todos os animaes.

Para caracterisar com uma só phrase a litteratura realista, e por igual a arte moderna em geral, pintura, esculptura, musica, etc., ousou affirmar que actuam muitissimo sobre a sensibilidade, sobre o systema nervoso, e pouquissimo sobre a razão, a faculdade primaz do homem. A pedra de toque do merito das composições litterarias mais festejadas parece não dever ser d'aqui em diante o criterio racional armado dos immutaveis principios da verdade e do bello, mas simplesmente o eixo cerebro-espinhal mais ou menos posto em vibração; e a obra prima da litteratura realista não é uma revelação do bello levado até ao sublimo, é um ataque de epilepsia. A sensibilidade material e enfermeça é excitada á custa do senso moral.

O elemento feminino sobreleva ao elemento varonil, e o pobre do leitor toma por ideias, por convicções, por enthusiasmos, as pungentes impressões dos nervos de um auctor perseguido por uma atmospherá antipathica ao seu organismo.

Tenho diante de mim um certo numero de volumes *esplendidos*, celebres, que perulustraram o nosso paiz e alguns d'elles a Europa, que penetraram inclusivamente nas massas populares e as embriagaram. Se compulso um d'elles, estou a ver, a sentir, a tocar tudo quanto alli se descrove: a imagem veste a ideia mais metaphysica; o conceito mais insolúvel á boa vontade do litterato razoavel que o pretendesse diluir em metaphoras, é reduzido a materia pura pela chymica desconhecida de um desgrenhado realista. O cheiro de certas paginas actua sobre o estomago a ponto de quasi lhe tirar o appetite. Fico maravilhado de tanto talento, estupefacto de tanta magia, deslumbrado por um tão flamejante luxo de forma, humilhado da minha impotencia absoluta em evocar assim a realidade: tenho debaixo da mão a natureza inteira no espaço de um *in octavo*. Estes litteratos são, consoante elles proprios m'ò affirmam, os pontifices, os legisladores, os hierophantes de uma sociedade, de uma arte novissima que fará empalhidecer todas as produções dos genios que os precederam, e quasi que estou tentado a crel-os, tal é o deslumbramento que causam. Mas depois de ter fechado por um pouco os olhos a semelhantes fogos de Bengala, quando já a ultima vibração d'esses cymbalos não resôa aos meus ouvidos, quando analiso o que li com a razão e o bom senso, abstrahindo da imaginação a que Pascal chama «a louca da casa, *la folle du logis*», impossivel se me torna descobrir nas paginas que percorri o que quer que seja que se pareça com um pensamento profundo e que denote o exercicio de uma razão viril. Todas ellas accusam a sua procedencia artificial e febril a saber o habito vicioso de um auctor que trabalhou com os nervos e com uma phantasia desarvorada que não com um verdadeiro poder cerebral. Se se lhes enterrar o escarpello de uma critica philosophica, a cada passo se depara o bello acotovellando o ridiculo ou o feio, a ver-

dade abalroando o absurdo, o elevado abraçando-se com o torpe, a linguagem nobre esbatida nos derradeiros plebeismos do soalleiro.

Aposto que os nomes de Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro, Theophilo Braga e Bulhão Pato d'hoje se erriçam n'este momento na memoria do leitor. Se assim é, é forçoso confessar que a memoria *sabe* recordar. Todos estes nomes são effectivamente em differentes graus, a illustração das observações expendidas. Mas tambem... não sejamos injustos; como se quer que haja alburno em *junco*, vida na *ça*, amenidade na *ortiga*, seriedade de baixo da *braga* ou fralda da criança, iris de pavão nas penas d'um *pato*?

Um exemplo de epilepsia.

Tomemos ao acaso, o que? a *Musa em ferias* de Guerra Junqueiro.

Se o vate se esquece de ser realista, se não está para ser demente só para agradecer á tyrania da moda reinante, escreve estrophes tão formosas como estas:

«Dois irmãos: a pequenita  
«Tem quatro annos sómente;  
«E' d'uma graça infinita,  
«D'um mimo surprehendente.

«O seu corpo que faria  
«O desespero de Phidias,  
«E' leve como a alegria,  
«E' doce como as orchídeas,

«Produzir um corpo tal,  
«Uma tão divina flor,  
«Só o ventre maternal,  
«O estatuario do amor.

«N'aquella bocca graciosa  
«Não poisa de certo a abelha,  
«Por saber que não ha rosa  
«Tão fresca, nem tão vermelha.

«Seus grandes olhos rasgados  
«Com limpidez infantil  
«Parecem mesmo talhados  
«No azul das manhas d'abril.

Como estas tópa-se de longe em longe com outras estrophes não menos exlendidadas, alternativamente mimosas ou fortes. Mas *ô fumaçã sãcrã fumes!* Elle é fanatico cultor do seu idolo realista, prefere a saturnal á diaphana serenidade do Olympo, o aleijão ao organismo normal, as contorsões satánicas ás divinas irradiações do hardo inspirador, o gongorico ao racional; e senão ouçam-no:

«A hypocondria massiça  
«Conduzo-a, não ha remedio;  
«Na jumenta da proguença  
«Pelos charnecas do tedio.  
.....

«Além vai o Deus romantico,  
«Já murchos os seus laureis,  
«A' grande pia do Atlantico  
«Dar de beber aos corecis.

«Pobres corecis! vão de rastros,  
«Retalhados pelo açoite,  
«Comer a areia dos astros  
«Nas manjadoiras da noite.

Chama-se a isto um realismo desazado, que não tem inveja no gongorico e no alambicado ás melhores paginas do Barbas de 1733. Aposto que s. exc.º o conhece e o distingue, com assidua leitura, entre os volumes da sua livraria. *Contradição!* Não querem o frade, e têm-no... na estante, para lhe roer os ossos depois de mortos.

Não resisto a mais outra citação:

«Dá-me vontade de ir correr pelos caminhos  
.....  
«E celebrar enfim o *Te-Deum* da alegria,  
«Revestindo uma opa immensa de violetas,  
«Sendo Homero a lançar o vinho nas galhetas.

E cá a mim dá-me vontade de repetir com Eduardo Vidal:

Eu que persisto ha muito em crer no hem florente,  
Que sou da reacção profervo impenitente,  
Que adoro o ceu.....  
Os lyrios da innocencia, a vasta natureza,  
E que sinto em minha alma uns estros de lyrismo  
Quando me agita Deus...  
.....  
Eu deixo caminhar a procição judenga,  
E adormeço de ouvir-lhe a chócha lenza-lença!

PADRE SENNA FREITAS.

SECÇÃO SCIENTIFICA

CALCULOS DA SCIENCIA

NA

IMMENSIDADE DA CREAÇÃO

I

JUIZO DA SCIENCIA

SOBRE

A IMMENSIDADE DA CREAÇÃO

A belleza e ordem que se encontram no universo, e a existencia e a acção d'um Artifice Supremo que intervem na ordem da natureza, são dous factos ligados entre si por uma relação logica, e tão evidente que nem os proprios materialistas, quando querem dar a explicação do desenvolvimento da natureza, se atrovem a negal-a. E' por isso que vimos um dos seus mais celebres campeões adoptar o partido desesperado de negar toda a belleza e toda a ordem, mesmo no systema celeste. Para se desculpar d'este inaudito juizo perante os astrónomos, com razão escandalizados, mais valeria a Buchner dizer, despertando a compaixão, que elle era um medico pratico, que era essa a sua profissão, e que entende

mais de diagnosticos pathologicos e de formulas pharmaceuticas, do que d'observações astronomicas e formulas mathematicas; mais lhe valeria esta desculpa, repetimos, do que haver dito ter sido compellido a tão absurda negativa em razão da extrema necessidade da causa materialista por elle patrocinada. D'onde se conclue (e cumprir não perder de vista este ponto essencial da controversia) que limitando-se a demonstrar n'uma parte qualquer d'um organismo, ou n'uma só classe de phenomenos uma evidente disposição para um fim, ou n'um só corpo natural uma intrinseca disposição de partes, é evidente existir um fim d'antemão concebido, ficando incontestavelmente provada a obra d'uma causa intelligente, e portanto a existencia de Deus.

Para quem procura a verdade dá-se o caso do navegante que aporta a uma plaga desconhecida, sendo tudo silencio em torno d'elle sem se descobrir figura humana que na mesma habite; mas se explorando o terreno se encontra n'elle uma campainha, mesmo deteriorada, ou um campo de proposito lavrado, ou uma pégada na areia, immediatamente deduz que algum homem está ou esteve n'aquelle sitio.

Basta a razão natural para descobrir em muitos casos esses vestigios clarissimos da arte divina que imprimiu o Creador em todas as obras que sahiram de suas mãos, e por isso foi sempre dolorosa a condição do atheismo materialista oppondo-se ao senso commum de todos os homens, arriscando-se a serem censurados até pelos menos instruidos quando profere absurdos como aquellos que acabamos de mencionar. Mas por mais que se esforce a escola materialista para fazer crer o contrario, por mais que com alguns o consiga, a verdade é que nenhum dos seculos passados foi, levando em conta o estado das sciencias naturaes, menos proprio do que o presente para sustentar o atheismo por ella proclamado, pois que hoje no estudo universal da natureza não se aparta dos infinitos signaes da arte divina que por toda a parte se descobrem. antes pelo contrario coordenando-as entre si chega muitas vezes a conhecer grande parte de suas leis.

Onde quer que chegue a sciencia encontra-se com disposições nunca até então imaginadas. Interrogando-se hoje qualquer das sciencias naturaes encontra-se que todas ellas sabem, a proposito d'um raio de luz ou de calor, patentear um extenso catalogo d'artificios, bellezas e correllações com as propriedades intímas, com o movimento, e com todas as funções da natureza inorganica e organizada; o mesmo dira o physiologo a proposito d'uma fibra nervosa ou d'uma celula elementar, o chimico diz o mesmo observando a união de duas mole-

culas ou analysando um corpo; tambem o crystalographo os encontra no mais microscopico cristal, e o phisico na chispa e corrente electrica. Ora como é cousa demonstrada que a ordem e artificio evidente em qualquer parte da natureza são provas irrefragaveis d'uma sabedoria creadora, e um solemne desmentido ao incredulo materialismo, é claro que por obra da sciencia moderna o concerto com que a natureza por toda a parte canta a creação, dando duplicado testemunho d'adoração ao Supremo Ser e de condemnação do materialismo, é hoje mais sonoro e harmonioso do que nunca. Porém a sciencia tem feito mais: calculando com todos os meios que lhe tem descoberto o insaciavel afan de conhecer a immensidade da creação collocou-nos no caso, quando não de comprehender, pelo menos de representar-nos e apreciar melhor a grandeza do testemunho que ao seu Creator tributa o universo corporeo; e mesmo saliria bem maltratado o atheo materialismo da imprudente appellação, que para a authoridade das sciencias fazem suas impias doutrinas, se esta, depois de ter por unica resposta multiplicado diante da sua vista as infinitas provas d'uma intelligente direcção na natureza, não o obrigasse por fim a reconhecer na immensidade da creação a grandeza omnipotente d'Aquelle Artifice supremo, que ella quereria a todo o transe deixar de vêr.

Encarregou-se principalmente d'esta obra a mais nobre das disciplinas naturaes, a astronomia, fazendo certo pela constante relação que ha entre a sciencia e a religião o dito do propheta «os ceos cantam a gloria de Deus, e o firmamento annuncia ser obra de suas mãos.»—Não é que o astronomo deixe de o ser para se converter em cantor lyrico das grandezas divinas; o seu lyrismo traduz-se na impassivel lingoagem das cifras e das medidas que affectam possuir os incredulos materialistas.

Com semelhantes ideias e promessas, e suppondo que a physica com suas theorias das vibrações calorificas e luminosas haja illustrado d'algum modo o artificio indescritivel notado na mais pequena chamma, o astronomo, como insignificante amostra de maiores magnificencias que depois ha-de apresentar, convidará a erguer os olhos para a estrella mais proxima, isto é, para o sol, e depois para o medir, e se o resplendor não deslumbrar o observador, para lêr e considerar a cifra de

6,32,900,000,000,000,000

ou seis triliões trinta e dois mil novecentos biliões, que é em metros quadrados a medida de sua superficie, e depois a de

1,353,350,000,000,000,000,000,000

isto é, mil trezentos e cincoenta e tres quatrilhões, trezentos e cincoenta mil triliões, que representa o seu volume em metros cubicos, e finalmente a de

1.946,600,000,000,000,000,000,000,000

isto é, quasi dous quintiliões, que é em kilogrammas o peso do lusciro, que a mão creadora de Deus suspendeu no meio do nosso systema para illuminar todas os planetas.

Depois d'isto e como facto de menos valor, trará á lembrança aquellas gigantesca erupções que desde a profundidade surgem com uma velocidade de 900 kilometros por segundo e se elevam 85:000, e até 128:000 kilometros fóra da photosphera, distancia d'uns dez diametros terrestres; immensos meteoros envoltos em chammas, e coroados de fogo, que só consigo mesmo se podem comparar, e que vistos de frente, quando se projectam sobre o disco, parecem manchas escuras e profundas capazes d'envolver quatro vezes o nosso globo.

Calcule depois d'isto quem quizer a força condensada n'aquelle foco, que com a luz e o calor diffunde a vida no nosso systema. A physica tem averiguado que o sol irradia cada anno

429:552,000,000

caloricos por metro quadrado de superficie, ou por outra, tantas vezes a quantidade de calor necessario para elevar de 0º a 1º centigrado um kilogramma d'agua. D'onde se deduz que a perda de calor em toda a superficie solar é de 25.914 × 10.<sup>24</sup> caloricos.

D'esde os tempos historicos não tem soffrido diminuição sensivel a acção do sol sobre o nosso planeta, como o demonstra o ser sempre a mesma a Fauna e a Flora. Ora bem, que arte grandioza da Providencia faz com que esta acção vivificante seja sempre igual?

A astronomia responde a esta pergunta de diversos modos. Observa em primeiro lugar que a temperatura do sol pôde com muita probabilidade apreciar-se em 6:000,000 de grãos, e calculada a perda soffrida importaria n'elle uma descida de 2º,08, ou de 11,200 em 1:000 annos, que vem

1  
a ser—da temperatura primitiva, e nada  
535

mais. Resta ainda d'esta fracção o effeito da irradiação na superficie terrestre, que sendo ao nivel do mar d'uns 15º o mais, podia formular-se no decurso de 40 seculos em 0º,028, quantidade imperceptivel, ainda

que se duplique por outros tantos milhões d'annos futuros. Assim a immensidade do foco central é bastante por si só para compensar os effeitos do resfriamento no decurso dos largos tempos que se fixam a duração da vida sobre a terra segundo os desígnios do Creator.

Mas supponhamos que a descida da temperatura solar, produzida pela irradiação inaccessante, era muito maior. N'este caso a astronomia remonta-se ás origens do systema planetario, derivadas segundo todas as probabilidades d'uma nebulosa primitiva que girava sobre si mesma, de cuja materia se separaram as porções, que logo formaram os planetas, condensando-se o nucleo central, que é precisamente o sol; recorda a temperatura

de 500:000:000

grãos, que devia ter o astro ao começar sua constituição no estado actual e os 5:000,000 que ainda lhe restam, e applicando a este caso as leis physicas conhecidas sobre o desenvolvimento do calor devido á compressão dos gazes, conclue apontando na gravitação das moleculas solares para o seu centro, e na imperceptivel compressão que soffre toda a massa, o simples e ao mesmo tempo grandiozo mecanismo com que se compensa e pôde continuar a compensar-se durante milhões de seculos a perda de calor produzida pela irradiação.

Mas a representação das grandezas creadas não se limita ao sol, lembremos-nos de que este astro é nos espaços celestes uma das muitas estrellas, e que entre estas hasões, com os quaes o nosso não pode comparar-se.

A sciencia não tem porém meios d'apreciar os volumes e massas sideraes, mas aprecia a luz com sufficiente exactidão. Valendo-se d'este meio chega a calcular que a luz do *alpha* do Centauro parece-nos uns 22 milhões de vezes menor que a do sol. Ora bem, o *alpha* do Centauro é uma das estrellas, cuja distancia conhecemos, e portanto podemos calcular a diminuição da sua luz até chegar a nos, e tambem a intensidade absoluta da sua luz que equivale a umas 2,32 vezes a luz solar. Pouco se distingue d'esto brilho o da estrella *alpha* da Lyra, que brilha em regiões incomparavelmente mais remotas, e a muito mais distante de nós, Sirio, tão brilhante para nossos olhos em razão de ser resplendor de 63 soes. A impossibilidade de calcular a distancia dos demais astros priva-nos d'um elemento que seria indispensavel para apreciar devidamente a sua luz, e a sciencia não se guia por hypotheses quando trata d'extrahir do seu trabalho a descoberta de fa-

ctos comprovados. Fallando porém em geral é um sol que compete com o nosso, ou lhe é superior em magnificencia, cada uma d'essas estrellas que a nossa vista tão difficilmente descobre para alem nas profundas rogiões do céu, e ha milhões d'ellas, pois que se calculam visiveis com o telescópio d'Herschell umas 20.371:304, e ainda este numero mal permite fazer idéa de todas as que brillando com incomparavel resplendor, e espargindo em torno de si oceanos de luz, testificam em todo o universo a grandeza de seu divino auctor.

Se porém ha algum materialista, cuja imaginação não possa conceber tão vastos objectos, bom será que lhe indiquemos uma experiencia que por distracção poz em pratica o P. Secchi, como elle diz na sua tão notavel obra acerca das estrellas. Depois d'examinar o céu calculando a olho nu o numero das estrellas que se distinguem, dirija-se o observador a um ponto qualquer da via lactea e applique a vista ao explorador ou telescópio mais pequeno, que para maior commodidade costuma andar unido aos grandes, e ficará admirado logo ao principio vendo no limitadissimo espaço de meio gráu tantas estrellas como antes viamos em todo o céu. Cresce a admiração se do explorador passamos para o telescópio grande, graduado a meio augmento, vendo n'esta porção do céu, que é uma quarta parte d'aquella, tantas estrellas como antes viamos com o explorador, suprimindo o numero das visiveis pela maior força do segundo instrumento o numero das excluidas por ficar reduzido o espaço visivel do primeiro.

Se com uma terceira volta se augmenta a força do instrumento repete-se o phenomeno da multiplicação, e tantas estrellas se descobrem em alguns pontos do ceu quantas descobriu a vista no campo natural da visão directa, e assim se poderia continuar, como dizia Secchi, applicando successivamente outros telescópios de maior força até o grande Lord Rosse sem que sejam sufficientes os mais perfeitos instrumentos humanos para esgotar a profusão de luminaires distribuidos para animar o universo pela mão creadora; cada um d'esses luminaires é um sol, tornamos a dizer, e talvez o centro de todo um systema planetario que faça girar ao redor bastantes globos opacos, que ostentem no seu interior, na sua superficie, e em sua immediata esphera d'acção tantas maravilhas organicas e inorganicas quantas apresenta o nosso systema.

A variavel Algol é a unica estrella que segundo os astrónomos anda acompanhada por satellites opacos que á volta d'ella giram. Trouvam-na as fazes mesmo de sua variabilidade, pois que em um periodo constante

de 2 dias, 20 horas, 18 minutos e 33 segundos, vae perdendo pouco a pouco a apparencia d'estrella de segunda ordem, debilitando-se gradualmente até chegar á quarta ordem e, reanimando-se depois pela mesma gradação até alcançar o resplendor antigo. As apparencias d'estas vicissitudes correspondem exactamente com as que deve produzir um corpo opaco, o qual girando em volta do astro luminoso o occulta em parte ao interpor-se entre elle e nós e o eclipse. Que seja esta a verdadeira causa do phenomeno o não uma emanação periodica de vapores que renove em Algol e com maiores proporções o phenomeno das manchas solares, nem tão pouco o effeito d'um movimento rotatorio do astro, que seja luminoso n'uma de suas faces e escuro na outra, confirmam-no as observações espectroscopicas e a propria duração das variações.

(Continúa.)

T. DA C. C.

## EDIÇÕES DE PROP. CATHOLICA

### O LIBERALISMO DESMASCARADO

A casa editora Teixeira de Freitas, de Guimarães, incansavel na sua honrosa tarefa de propaganda catholica, acaba de editar mais uma obra valiosa, que tem o titulo acima escripto.

O seu auctor é o Rev. padre Henrique Ramière, da companhia de Jesus, e um vimaranense deu-se ao trabalho de traduzir, compilar e anotar o original francez. Consta a obra de dois grossos volumes, e embora se chame traducção por seguir a traça adoptada pelo erudito auctor, e acompanhá-lo nos seus topicos geraes, pôde bem e afoutamente dizer-se que a publicação do vimaranense é em boa parte original, adaptada ás cousas portuguezas e destinada especialmente a cons'derar a questão pelo lado como ella é encarada actualmente entre nós.

O titulo da obra é azado para despertar suspeitas de que o seu fim é meramente politico, e que se vai n'ella suscitar a velha, estafada e impertinente questão das legitimidades e illegitimidades, dos erros ou acertos do periodo decorrido desde 1828 a 1834 n'este paiz, ou das vantagens e abusos praticados na epoca que se lhe seguiu.

Para reccar seria este perigo, que a dar-se inutilisaria completamente a obra e o trabalho do editor, ficando reservada apenas para os archeologos politicós, que passam a sua vida a suspirar, zangando-se com todos os que não estão sempre a limpar os olhos; mas felizmente o fim d'esta producção litteraria é muito outro, e já o sabiam todos quantos conhecem as obras do padre Ramière, e as de muitos publicistas francezes e de varias nações, que discutem estas graves questões no campo socegado da theoria, sem allusão ás formas governativas, e sem architectar insinuações perfidas contra aquelles, que por actos, palavras ou presumpções mostram que não se acham dispostos a contemplar com extatica admiração um passado, que avaliado como se quizer, não pôde mais ressuscitar, pois o tempo caminha inexoravel, e não detem os passos.

Josué, nos diz a Sagrada Escripura fez deter o sol na sua carreira durante um dia: milagre assombroso foi esse que as leis naturaes são incapazes de explicar, mas que as leis da historia e até as da sciencia mostram que existira. Não se repetiu mais esse prodigio e todavia ha quem procure estendel-o não a vinte e quatro horas, não a vinte e quatro annos, mas a tempo sem limite.

O padre Ramière e o seu illustre interprete não se tornam ridiculos e anachronicos, tratando a questão n'este pé, vão ao fundo d'ella, examinam-na nos seus principios, e offerecem soluções, que cumpre meditar.

Os difficeis e embaraçosos problemas, que se apresentam todos os dias ante nossos olhos, sobre os principios dos governos e da organisação da sociedade, constituem a sciencia da politica na sua elevação theorica, que devem estudar e meditar todos os pensadores, quer elles se dediquem ao mister de governar os homens, quer se reservem a apreciar os seus actos por modo justo, consoante regras invariaveis e seguras.

Difficultosa questão é esta, e tão complicada, que não é licito esperar que sobre ella se harmonisem as opiniões, e se possa conseguir que da apreciação theorica se venha para a practica, de modo que fiquem todos satisfeitos.

Erros ha, inoculados nos governos e na sociedade, e tão inveterados, que não se extirparão nunca por mais palpavos que sejam as demonstrações que os condemnam.

Nos tempos de paz, em que todos, limitados ás suas occupações individuaes e descuidosos da marcha dos negocios publicos, confiavam cegamente em quem nascia na classe destinada ao governo, estes pro-

blemas existiam latentes, mas apenas se distinguíam na obscuridade, em que jaziam: hoje a época é outra; ninguém deixa de propol-os, discutil-os, encaral-os pelo lado das suas paixões, e resolvel-os sem principios nem regras seguras.

Existiram sempre os conflictos, dominaram doutrinas pouco correctas, houve escolas oppostas. A lucta entre ellas era menos activa do que na actualidade, e as denominações de que se serviam não resistiram á acção do tempo. Substituíram-se palavras a palavras, augmentou-se o dictionario, mas os erros em germen subsistiram sempre, e o tempo e as demissões não trouxeram outra consequencia senão a ampliação das theorias, e a manifestação mais clara das antinomias existentes.

Veja-se quanto se tem dissertado sobre a liberdade, e que alargamento descommunal se tem pretendido dar a este vocabulo, cuja interpretação litteral é tão simples.

Na classificação das escolas veio tomar um logar a que se denominou liberal, que na linguagem vulgar seria tão sómente aquella que sustenta-se a conveniencia dos estados se regerem por formulas que se chamariam parlamentares, mas que na acceção scientifica tem uma amplitude muito mais lata, constituindo um corpo doutrinario de principios, que, se a logica persiste em tirar-lhes todas as consequencias, arrastariam a sociedade á anarchia.

Liberdade e auctoridade, duas abstracções antinomicas na escola liberal, mas ambas essenciaes para o regimen de sociedades, ambas oriundas dos verdadeiros principios sociaes, políticos e religiosos, que devem coexistir e auxiliar-se reciprocamente, não podem conciliar-se entre si, se não fugirmos ás theorias extremas da escola e procurar-lhes a correlação em differente e mais racional ordem de ideias.

A esta escola deu-se o nome de liberalismo, palavra novissima, que os antigos não conheceram, nem os classicos escreveram, mas que os modernos adoptaram para designar uma seita.

D'aqui se crearam outras palavras como liberastas, liberdadeiros e semelhantes, que indicam os adeptos da mesma. A estas additaram-se ainda outras, como addicionar o epitheto de catholico ao liberalismo, ou pospor um ao outro termo, chamando-lhe catholicismo liberal, etc.

Não é provavel que se pare aqui, e á maneira que se fór subtilisando mais o exame anatomico d'estas doutrinas, apparecerão não só novos systemas, mas como não ha, nem pode haver limites definidos entre elles, uns se compenetraram nos outros, e d'ahi

resultarão infinidade de vocabulos, todos pouco explicitos, mas designando variedades d'estes modos de considerar as questões sociaes, politico-religiosas.

Succede aqui como nas assembleias politicas, em que há partidos, sub-partidos, grupos, e individualidades.

Entre nós por exemplo temos nas camaras legislativas e na imprensa, regeneradores e estes subdivididos em fontistas, sampaianos, barjonaceos, e até medeiristas, temos progressistas, e estes subdivididos em historicos e reformistas; constituintes, e estes subdivididos em diistas, pretos e moreiristas, com variedades fontistas e outras; temos avilistas, casalistas, chancelistas, republicanos activos e platonicos, republicanos quasi monarchicos, e monarchicos quasi republicanos, e mil outras individualidades que, para mostrarmos que não estamos inventando, tem por chefes ou typos os notaveis estadistas Fontes, Sampaio, Barjona, Braamcamp, bispo de Vizen, Dias Ferreira, Vaz Preto, Paula Medeiros, Avila e Bolama, Moreira de Roy, Rodrigues de Freitas, Latino Coelho, Mariano, Casal Ribeiro, Chancelleiros, Fuschini, etc., notando-se dissidencias profundas nos seus principios e systemas, não se agrupando senão accidentalmente e nunca acordando nos pontos mais definidos do modo de governar.

Se o grupo politico que representa ordem de ideias opposta á dominante, offerece menos dissidencias publicas é porque estando na inactividade e longe do poder, não se divide tanto, mas ainda assim não é difficil ennumerar entre os seus membros discrepâncias notaveis, que se accentuariam se o partido sabbisse da abstenção, em que se encontra, para a lucta no campo da legalidade existente.

No estado theoretico das questões politico-sociaes-religiosas ha tambem innumeradas variedades, que os seus defensores sustentam com valor como se fóra nas assembleias, onde se disputa o poder.

Acima d'estas discussões pairam os principios geraes, e entre estes convem extremar os erros dos erroneos, qualquer que seja o nome que se dê a estes, como systema.

N'esta destrinça muito se tem escripto, e entre os tratados importantissimos, que tem sido publicados, apparece-nos este do padre Ramière, como nos lembra tambem Onclair e Af, além de outros mais fugitivos, que muito esclarecem este estudo.

Não pensem pois aquelles que são contrarios ao antigo regimen que vão encontrar na recentissima publicação do sr. Teixeira de Freitas uma obra politica, no sentido baixo do epitheto, uma d'essas intoleraveis repetições de accusações apaixonadas con-

tra a nova ordem de cousas, e incessante lamuria pela que se desmoronou, não podendo resistir á acção poderosa do tempo, erros, abusos e inhabilidade.

Nada d'isto ali se encontra, mas antes uma narração interessantissima que instrue e deleita. É uma historia das contradicções do liberalismo, provada com documentos importantes de factos occorridos em Portugal e fóra d'aqui; recordando aquillo, que com vertiginosa rapidez se passa constantemente ante nossas vistas, e facilmente esquece pela variedade do espectaculo e multiplicidade dos incidentes.

O «Liberalismo Desmascarado» é uma obra que todos devem lêr, não exceptuando pessoa alguma qualquer que seja o seu modo de ver em politica.

Nem o legitimista, *pur sang*, nem o liberal moderado, exaltado ou republicano se molestarão com o que se lhes offerece ao seu exame: todos ali encontrarão bastante que censurar nos partidos a que pertencem, e não pouco depararão que lhes ha-de aproveitar para rectificarem as doutrinas d'esses mesmos partidos e trazer-lhes aos principios invariaves do justo, que são os unicos, pelos quaes todos devemos trabalhar de modo que sejam a base das constituições dos estados.

Conde de Samodães.

(Da «Palavra»).

## SECÇÃO LITTERARIA

### DOROTHÉA E THEOPHILO OU OS DESPOSADOS DO CÉO.

(ROMANCE)

(Continuado do n.º 17.)

Dorothéa olhou para Theophilo com uma expressão que não tinha nada das affeições terrenas. Sentia-se orgulhosa de ter inspirado um tão bello sentimento, e mais orgulhosa ainda de poder offerecel-o em sacrificio ao divino esposo a quem dera a preferencia. Com um movimento rapido, mas gracioso, repelliu o abraço de Theophilo, e apontando para o céo lhe disse:

—Nada, Theophilo, nada poderá separar-nos, excepto Deus. É elle quem une e quem separa. Designou-me para o seu rebanho escolhido, e eu devo-me primeiro ao Creador que á creatura. Não tenho espazo n'este mundo. Pertenzo ao Rei do céo. Of-

ferece-lhe a tua desposada, Theophilo, e sejamos unidos no nosso sacrificio... Adeus.

—Que! exclamou o juiz, nem Theophilo tem já poder sobre ti? Renunciaste a ser sua esposa, e mãe de seus filhos?

Dorothea estremeceu. Depois baixou os olhos e disse:

—Renunciei a todos os bens d'este mundo, e só nos do céu ponho minhas esperanças.

—Não! Nunca! exclamou Theophilo, exasperado de dor. Tu has-de seguir-me!

E mau grado d'ella comecou a arrastal-a por entre a multidão, que, dominada do mais vivo interesse, se afastava deante d'osta heroica desesperação que parecia desaliar todas as potencias da terra.

O prefeito do pretorio, notando que a sympathia se tornara a impressão dominante do povo, em despeito do seu odio pelos christãos, pôz fim a este debate sublime. Chamou dous guardas dos que o rodeavam, e lhes disse:

—Conduzi ao carcere a filha de Epreme. Se no fim de tres dias ella ainda persistir no erro, submettei-a a tortura, como aos outros christãos. Depois deliberaremos. E agora continuem os jogos; soltae as feras!

A esta ordem dous gritos se ouviram ao mesmo tempo no amphitheatro. Um era um grito de dor dilacerante; o outro, um grito de raiva, o grito do amor impotente de salvar o bem que ama.

Dorothea foi levada pelos guardas, e uma hora depois o povo tinha esquecido esta scena deante da abominavel carnificina que lhe apresentava a arena.

### III

Nada foi poupado para arrancar a religião christã esta nova convertida. De nada valeram a Ephrem os muitos bens que possuía, nem a sua posição, nem o seu credito. Até se diz que a prisão de Dorothea foram mandadas duas mulheres de espirito bastante insinuante, e que tinham apostatado o christianismo, para a persuadirem a renegar o Deus que a chamava. Mas tentações maiores a esperavam ainda. Para ir confessar a sua fé deante das torturas, teve ella de passar pelo corpo de seu pae, que expirava de dor no limiar da prisão, maldizendo do dia em que tinha nascido. Theophilo, não tendo podido vencel-a á força de rogos, tentara subjugal-a pelos ameaços: jurava pôr termo á propria vida, porque não a poderia mais supportar sem Dorothea.

A santa resistiu a estas provas. Depois d'ellas nada lhe custavam as torturas phisicas. Ao terceiro dia, segundo a ordem do prefeito, foi Dorothea submettida ao supplicio do cavallette. Mas como o joven advogado, pela sua influencia juncto de Fabricio e á força de dinheiro, tinha conseguido que o executor não desse mais d'uma volta á roda, não houve completa deslocação de membros. Depois foi acoutada, principalmente na bocca, por ter nobremente confessado o Christo, o que, ao ver dos pagãos, merecia castigo porque era uma blasphemia. Em seguida foi esbofetecada, e depois reconduzida á prisão.

Pamphila acompanhara a sua querida filha á presença do juiz e na prisão. Quando

Theophilo foi pela ultima vez reclamar a sua esposa, encontrou-as ambas de joelhos glorificando a Deus em alta voz.

—Foste tu, bruxa miseravel, disse elle á escrava, que seduziste a minha amada, e a levaste a trahir todos os seus juramentos. Se lho não fossem precisos os teus cuidados até o seu ultimo momento, ja eu te teria denunciado e entregue á tortura. Olha, isto é obra tua, acrescentou elle mostrando-lhe o rosto da donzella, deslumbrante de beatidão, mas todo cheio de feridas e ensanguentado.

—E' sem razão que a accusats, respondeu docemente Dorothea. A sua ternura para comtigo era, assim como a vossa, inteiramente mundana; e agora, que Deus me esclareceu com a sua graça, é que eu sei quão culpada é toda a affeição que não tem por principio e fim a sua gloria e o seu divino amor. Ah! Theophilo! não é d'este modo que vos me amaes!

—Eu amo-te mais do que a mim mesmo, mais do que a propria vida! Os nossos deuses, os meus, não me prohibem que eu te prelira a tudo. Elles não separam o esposo da esposa, o pae da filha. Escuta: o tempo urge. Já te não peço que renunciés a esse Deus despiadado. Segue-me, se minha esposa. Os teus guardas estão comprados a peso d'ouro. Por um meio astucioso extorqui a Fabricio ordens por elle assignadas, que nos abrirão todas as portas. Querendo tu, antes d'uma hora teremos fugido ambos, desfarçados com fatos de mercadores syriacos. Um canto ignorado da mais obscura provincia da Gallia nos servirá de abrigo. Ainda poderemos viver felizes, ignorados. Que mais poderei desejar se fores minha esposa? Consente, Dorothea. Oh vem! vem segueme!

Theophilo, que nunca dobrara os joelhos deante dos representantes dos tyrannos do Imperio, nem de nenhum dos deuses do Olympo, estava prostrado aos pés de Dorothea.

A donzella olhou para o céu e disse:

—Nunca! Fugir á corôa que me espera, quando nada me resta a fazer senão apossarme d'ella! Que dirias, Theophilo, do soldado que abandonasse o campo de batalha no momento de a vencer? Oh! se tu soubesses que gloria está promettida á creatura que n'este mundo pode unir-se ao sacrificio do seu Salvador! Vê, os anjos esperam-me, as virgens avancam para me receber e transportar a minha alma até o throno de Deus. Ah! Theophilo, porque não has de tu partilhar da minha felicidade, como junto partilhámos das puras alegrias da nossa infancia! Vem tu! Vem comtigo!

—Loucuras! Visões! dizia Theophilo com furor. A hora foge; mais um instante e será já tarde, e tu não terás deante de ti senão o supplicio, o horrivel supplicio!

—Eu espero-o, disse a donzella sorrindo.

—Pois recusas! A minha ternura, o amor de teu pae, o cuidado da propria vida não poderão arrancar-te á sorte que escolheste!

Que demencia é a tua!... Oh! os deuses abandonaram-me!

N'este momento ouviram-se os passos dos guardas nos corredores.

—Já é tarde! exclamou Theophilo com

imprecação. A hora da liberdade passou! Morre, já que assim o queres. Adeus!

Eu te maldigo!

(Concluir-se-ha)

## O clero na camara dos deputados

Discurso de sr. exc.<sup>o</sup> rev.<sup>ma</sup> o sr. dr. Pires de Lima, governador do bispado de Aveiro.

na sessão de 15 de maio

(Continuado do n.º 18)

O illustre bispo de Angola, no relatório que mais de uma vez tenho citado á camara, diz o seguinte:

«Nolitoral, e não em todo elle, e pouco mais, apenas ha algumas igrejas e más, e sem utensilios precisos, e sem meios de sustentar o culto com decencia. Basta dizer que o Ambriz, povoação importante, que já tem requerido a categoria de villa, onde ha estabelecimentos commerciaes de diferentes nacionalidades, alfandega, hospital, um batalhão, não tinha ha pouco escola, e ainda agora não tem igreja, e o parochio officia n'um quarto da residencia do chefe, onde o povo recceia ir, pelo risco de ser esmagado pelo tecto em ruinas; no Dande, centro de muito trato commercial, no Gollungo alto, que já foi sede de districto, em Ambaca, cabeça de comarca, succede o mesmo; ajuize-se o resto.»

Ajuize-se do resto, diz o illustre prelado; ajuize-se do resto, digo eu tambem.

Isto não carece de commentarios.

Mas que admira que as igrejas do ultramar estejam n'este estado, se no respectivo orçamento não ha verba alguma especial, nem para edificação, nem para concerto de templos?

Para as igrejas do reino ha uma verba resoavel que em epocha de eleições se augmenta consideravelmente, (Apoiados, mas no ultramar parece que o governo, nem mesmo em tempo de eleições se lembra de ser devoto.) (Iiso.—Apoiados.

Eu disse que no orçamento do ultramar não havia verba alguma especial para igrejas, mas não disse bem.

Efectivamente ha ali trez verbas que me parecem destinadas para concertos de igrejas, ou para fabricas parochiaes na provincia da India.

Duas são de 120\$000 réis cada uma, e a terceira de 50\$000 réis; total 290\$000 réis fracos.

O orçamento diz: «consignação para a igreja de Assolná, para a igreja de Velim, e para a igreja de Linhares.»

Não comprehendendo bem o sentido da palavra *consignação* applicada a igrejas.

Creio que o orçamento aqui, para ter cor local, foi redigido n'algum dialecto do paiz, e, contud., parece-me que não se perdia nada que este, como todos os docu-

mentos officiaes, fossem escriptos em bom portuguez. (Apoiados.)

Em todo o caso a verba é destinada unica e exclusivamente a tres templos, ou a tres igrejas, e é insignificantissima.

A verdade é que não ha no ultramar, nem seminarios, nem padres, nem templos, como exigem as necessidades das nossas possessões.

O sr. *Sousa Machado*:—Apoiado.

O *Orador*:—Quer v. ex.ª e a camara ver a prova cabal d'isto? Está no orçamento do ultramar.

Examinando este documento vê-se que para a administração ecclesiastica das seis provincias do ultramar, desde Cabo Verde até Macau, se destina uma verba de réis 89:333\$198.

Note-se que esta verba não chega a ser toda gasta, como eu hontem demonstrei á camara.

Mais de um terço da verba destinada á administração ecclesiastica na India não se gasta, e em muitas outras possessões uma parte consideravel não se gasta tambem, porque não ha padres.

Parece-me portanto, que não exagero, calculando que d'aquella verba apenas se gastarão 60:000\$000 réis com a administração ecclesiastica, em todas as nossas possessões.

E sabe a camara quanto se gasta annualmente com obras publicas em Angola, isto é só n'uma provincia? A bagatella de 66:000\$000 réis. Note-se que d'esta verba não deixa provavelmente de se gastar nem um real.

De modo que para obras publicas n'uma so provincia, destinamos e gastamos mais do que em toda a administração ecclesiastica de todas as nossas colonias.

Isto é uma vergonha para Portugal. Não se me leve a mal que eu a revele alto e bom som, porque é necessario pôr um termo a este abandono com que no ultramar tem sido tratado o elemento religioso. (Apoiados.)

Não sou inimigo dos melhoramentos materiaes.

A camara faz-me a justiça de acreditar que eu quero estradas, caminhos de ferro e telegraphos electricos; quero todos os inventos da moderna civilisação, não sou inimigo do progresso. Quando porém se trata de civilisar as nossas colonias, parece-me que não devemos cuidar só da materia, mas tambem alguma cousa do espirito. (Apoiados.) O homem não vive só de pão.

As condições c'imatericas das nossas possessões, e talvez tambem que em grande parte o atrazo de muitas d'ellas, obrigam os missionarios a grandes inclemencias e a grandes sacrificios.

O governo da metropole agrava todas essas inclemencias e sacrificios, condemnando os missionarios ao martirio da fome.

O padre não vae, não pôde ir missionar para os nossos dominios de além mar, com o mesmo intuito que leva o filho do Minho para o Brazil, para fazer fortuna. Longe de mim semelhante idéa. O que eu quero, o que a justiça exige é que lhe não falte o sufficiente.

A nação portugueza ao enviar um padre para o ultramar, deve dar-lhe o que elle precisa para subsistir e viver decentemente. Mais ainda, quando o missionario,

por uma velhice precoce, resultante menos dos annos, do que do clima e do trabalho, trabalho improbo e pesado, se inutilisar para o ministerio parochial, de rasão é que tenha garantido o secego nos poucos dias em que tenha de viver. Sem rodeios nem circunloquios, declaro que é vergonha, e vergonha grande, mandar um padre qualquer para as colonias, não lhe dar lá os meios de vida, e quando elle, farto de trabalho, consumido pelas febres, e com a saude perdida, quer voltar para o continente, abonar-lhe apenas a bagatella de 6\$000 réis mensaes. Assim é impossivel obter padres no ultramar.

O sr. *Sousa Machado*:—Apoiado.

O *Orador*:—Um dia apresentei n'esta casa uma representação dos padres de Moçambique.

Geria então a pasta da marinha o sr. Corvo. Chamando a attenção de s. ex.ª para o assumpto da representação, pedi que se melhorassem as condições deploraveis, em que vive o clero ultramarino.

O sr. Corvo respondeu-me, dizendo: «Os padres têm rasão, recebem pouco, estão mal remunerados, mas enfim, todos os empregados do ultramar se acham nas mesmas circumstancias, e então resignem-se com a sua sorte, que é a sorte de todos os nossos funcionarios civis, administrativos, judiciaes, militares, etc.»

Ora, isto não é verdade. Eu não sei se os empregados do ultramar estão bem ou mal remunerados; o que sei é que não ha proporção alguma entre a congrua dada pelo orçamento aos parochos do ultramar e os vencimentos que percebem os diferentes funcionarios civis, administrativos, judiciaes, militares, etc.

O bispo de Angola, por exemplo, recebe 1:920\$000 réis annuaes e o secretario geral do governo da provincia recebe 2:600\$000 réis. Vejam a proporção que ha entre a congrua d'aquelle e o ordenado d'este!

Ao lado do secretario geral está o governador, que recebe 6:000\$000 réis, e a pequena distancia o chefe da expedição de obras publicas, que recebe uma verba tão avultada, que até houve vergonha de a descrever no orçamento.

O sr. *Adriano Machado*:—Apoiado.

O *Orador*:—Mas esqueçam a pequenez da congrua d'este prelado, e vamos a olhar para os parochos. Os parochos ainda estão em peiores circumstancias. Sabe a camara quanto recebem 11 dos parochos que existem em Cabo Verde? A congrua annual é de 60\$000 réis. Igual quantia recebem os guardas da alfandega da mesma provincia.

No orçamento de Cabo Verde o parochos é equiparado ao guarda da alfandega.

O sr. *Sousa Machado*:—É verdade, apoiado.

O *Orador*:—O sr. Thomé e Príncipe a maioria dos parochos recebe 90\$000 réis; na India ha 79 parochos que recebem réis 71\$000. No orçamento da India ha uma cousa engraçada. Não muito distante dos parochos, vem o ordenado para um mandador da officina de machado do arsenal que está aposentado, o qual recebe, sem fazer nada, 78\$570 réis, ao passo que o parochos, que faz serviço, que trabalha, ganha 71\$000 réis!

Confrontemos a magreza d'estas congruas com o ordenado que recebem os outros funcionarios publicos e comecemos o confronto pela magistratura judicial. Não se pense que eu quero que os membros da magistratura judicial não sejam bem remunerados no continente, e mais bem remunerados ainda no ultramar. No continente ha imprensa para corrigir as aberrações dos juizes, ha a força da opinião publica para impedir os seus desatinos.

No ultramar não ha tanta vigilancia nem tantas garantias. A falta de meios pôde ser pretexto para abusarem juizes pouco escrupulosos.

Quero por isso que fique completamente garantida a sua independencia, não só a independencia legal, mas a independencia para a sua subsistencia. Portanto, não quero regatear o dinheiro que se dá ao juiz do ultramar. (Apoiados.)

Os juizes que vão para o ultramar são muito uteis á sociedade, sobretudo para a punição dos crimes; mas força é dizel-o, recebem ordenados que não estão em proporção alguma com as congruas dos parochos.

Não se pense que o parochos serve só para administrar os sacramentos. O parochos tambem presta muito grande serviço á sociedade, e contribue efficazmente para o respeito da lei.

Não castiga os crimes como o magistrado judicial, mas previne-os, o que é inquestionavelmente melhor. Quando o clero for austero, illustrado e zeloso no cumprimento dos seus deveres, muitos crimes se evitarão pelos esforços d'elle. (Apoiados.) Os padres tiram muito trabalho aos tribunaes de justiça, e contribuem efficazmente para diminuir a estatistica criminal. E eu creio que a sociedade lucra mais em evitar que se pratiquem crimes do que em punil-os depois de commettidos.

Não é s'isso. É que ha muitos crimes occultos, que escapam a acção dos tribunaes; crimes de que o poder judicial não tem conhecimento, os quaes não escapam ao conhecimento do padre, e para os quaes o padre obtem reparação no confissionario.

Vou contar a v. ex.ª e á camara um facto de que tenho noticia, não por informação, mas por ter tomado parte n'elle, e cuja exactidão posso garantir.

Ha tempos estava eu em Lisboa, como agora. Aclava-se aberta a camara, e eu desempenhava-me do mandato de representante da nação. Uma manhã recebi a correspondencia de Aveiro. Abri uma das cartas, a primeira que me veio á mão das muitas que o correio me trouxe aquelle dia. Era escripta por um padre da diocese que tenho a honra de governar. Dentro da carta vinha uma letra, e uma letra de uma quantia relativamente avultada.

O padre incumbia-me de mandar dar essa quantia no Alentejo a um lavrador abastado, pessoa das minhas relações. Dizia-me que lhe havia sido entregue por um homem que se tinha confessado a elle e que era restituição de um furto.

Como a camara sabe, das provincias do norte costumam ir ao Alentejo, onde se demoram mezes nos trabalhos agricolas, grande numero de operarios.

Escrevi para o Alentejo ao meu amigo, cujo nome não tenho duvida em dizer, o sr.

José Maria Diniz Ramalho Perdigão, honrado lavrador de Evora, mandando-lhe dizer que tinha essa quantia em meu poder, a qual lhe fôra furtada por um homem que andara a trabalhar nas suas herdades e que eu estava incumbido de a restituir.

Enviei o dinheiro, o sr. Perdigão recebeu-o, e escreveu-me dizendo, que não tinha idéa alguma de lhe terem furtado nada, mas que apesar d'isso não tinha duvida em receber pois que não acreditava que alguém tivesse a extravagante lembrança, de lhe fazer um presente d' aquella ordem occultando o nome tão cuidadosamente.

Ora como este facto, eu poderia citar muitos que conheço por experiencia propria e que se têm passado commigo e na minha diocese.

Bem rasão, pois, tinha eu quando affirmava que, se o juiz presta grandes serviços á sociedade, punindo os crimes, o parochão não presta menores, porque previne e evita uns e quando não possa prevenir outros obtem para elles reparação, ainda que sejam occultos e que hajam escapado á acção dos tribunaes.

Mas se isto assim é, porque rasão se hão de remunerar convenientemente os juizes do ultramar, e ao mesmo tempo se ha de dar uma congrua mesquinha aos parochos?

Olhem para as tres provincias de Cabo Verde, S. Thomé e Príncipe e India.

Em Cabo Verde o juiz ganha 1:300\$000 réis, em S. Thomé, igual quantia, na India, 2:100\$000! E o pobre parochão?

Esse chega a receber pelo orçamento em Cabo Verde 60\$000 réis! em S. Thomé e Príncipe 90\$000 réis! na India 71\$000 réis!

Que proporção ha aqui entre a remuneração de uns e outros funcionarios?! Absolutamente nenhuma. (Apoiados.)

Mas a mesma desigualdade ha em relação aos professores.

Os professores de instrucção primaria recebem, em Cabo Verde entre 400\$000 réis e 120\$000 réis em S. Thomé e Príncipe entre 300\$000 e 300\$000 réis, e na India entre 408\$000 réis e 161\$000 réis.

No continente um professor de instrucção primaria recebe entre 110\$000 réis e 120\$000 réis, menos, muito menos do que os do ultramar.

Ao contrario os parochos do ultramar têm vencimentos muito mais mesquinhos do que os do continente.

O sr. Souza Machado:—Apoiado.

O Orador:—Enote a camara que apesar de n'estes ultimos tempos se terem augmentado os ordenados dos professores de instrucção primaria do ultramar, ainda assim grande numero de cadeiras estão vagas!

Ora quando os professores do ultramar escaceiam, tem-lo uma remuneração tão superior áquella que recebem os do continente imagina-se o que acontecerá com os parochos.

O sr. Souza Machado:—Apoiado.

O Orador:—Mas ainda ha outros funcionarios, cuja remuneração comparada com a congrua dos parochos é mais extravagante.

O sacristão do governador da India tem 70\$000 réis, em quanto parochos ha n'esta mesma provincia, como já disse, que têm 71\$000 réis.

Os sacristães de Damão e Diu têm, pelo orçamento, 64\$000 réis, isto é mais do que um grande numero de parochos de Cabo Verde.

Ainda na India ha amanuenses com 250\$000 réis, porteiros de secretaria com 300\$000 réis, e continuos com réis 123\$000. De maneira que na India um porteiro recebe mais de quatro vezes aquillo que recebe um parochão!

Em todos os estados da India, comprehendendo Diu e Damão, ha apenas oito parochos que tenham congrua superior aos ordenados dos continuos das secretarias.

Mais ainda. Na India os parochos, em geral, recebem vencimentos inferiores ao primeiro sargento da companhia de saúde! Este tem 173\$850 réis, em quanto grande numero de parochos, como já ponderei á camara, recebem apenas 71\$000 réis.

A congrua d'estes até é inferior á remuneração orçamental dos officiaes de diligencias, pois que estes recebem 123\$000 réis.

E se algum parochão tem a infelicidade de adoecer, ou de se impossibilitar, então fica perfectamente desgraçado.

Na India não se lembram os parochos de resignar os seus beneficios; ao menos no orçamento não vem verba alguma no capitulo de administração ecclesiastica para os sustentar.

Só no orçamento da provincia de Angola apparecem duas verbas para parochos resignatarios, uma de 80\$000 réis outra de 106\$666 réis. Aqui está a largueza, a bizarría, a generosidade com que galardoamos os serviços dos parochos do ultramar que se impossibilitam no exercicio do seu ministerio.

Agora quer a camara saber qual é o avareza estreita e apertada com que aposentamos, reformamos e jubilamos diferentes funcionarios no ultramar? Eu li'a vou dizer, porque é instructivo e edificante. Retiro-me aos estados da India.

Na India um facultativo reformado recebe 2:218\$250 réis. Um pharmaceutico 1:179\$000 réis. Um ajudante jubilado de professor de desenho (note-se que não é um professor, é um ajudante) 756\$000 réis. Um professor de instrucção primaria réis 353\$000. Um porteiro de contadoria aposentado 201\$000 réis. E ha escripturarios aposentados, que recebem de 244\$800 réis a 442\$000 réis.

Não preciso dizer mais nada. Basta a leitura d'estes algarismos para mostrar á camara a injustiça monstruosa de que é victima o nosso clero do ultramar! (Apoiados.)

Abandonamos o nosso clero do ultramar e não fizemos bem. Pelo menos não seguimos os exemplos que estranhos nos dão, e estranhos auctorizados pela sua illustração e adiantamento.

O sr. Souza Machado:—Apoiado.

O Orador:—Estamos muito longe de imitar o procedimento da Inglaterra e da França.

Como eu hontem disse á camara, o pontifice mandou missionarios em 1865 para Angola: esses missionarios estabeleceram-se em S. Paulo de Loanda, n.º Ambriz e em Mossamedes. O papa queria tambem mandal-os para o Congo e as autoridades portuguezas não os admittiram e dentro em

pouco trataram de expulsar os que estavam na provincia de Angola.

Pois, sr. presidente, ao passo que assim procedemos, nós, que somos nação catholica, a Inglaterra protestante manda e sustenta na Serra Leoa missionarios catholicos, filhos de institutos romanos.

A camara sabe que ha um estabelecimento importante de missionarios na Serra Leoa, colonia ingleza fundada em 1787 com os negros emancipados da America do norte. Para esse estabelecimento foram primitivamente sete missionarios, os quaes não tardaram em cahir todos victimas das febres.

Depois foram indo outros successivamente e hoje existem lá seis. A Inglaterra é protestante e subsidia largamente os missionarios e faz bem em os subsidiar, porque os fructos que elles têm dado são abundantes e bem sazoados.

Basta dizer que n'esta colonia, onde ha 300 a 400 catholicos, ha tres escolas, um asylo para orphãos e um hospital; o que tudo é obra dos padres, para que nos olhamos com tanto desdem.

E note-se que em todos os pontos da Africa, onde ha missionarios se nota grande differença na cultura do povo, porque os missionarios religiosos têm sido algumas vezes missionarios da sciencia e são quasi sempre missionarios da civilização.

Até na Senegambia ha imprensa fundada por missionarios onde têm sido impressas diferentes obras, como grammaticas, dictionarios, etc. dos diferentes dialectos d'estes paizes.

Mas não é só na Serra Leoa, que a Inglaterra tem missionarios; tem-os na Africa central, nas regiões dos Lagos, juntos do lago Nyassa ou Marari, e nas margens septentrionaes do lago Alberto.

E a Inglaterra liga aos trabalhos d'estes missionarios tal importancia, que não duvida destinar para as despezas d'elles a enorme somma de 25.000:000 de francos.

Como a Inglaterra procede a França. Na região dos lagos ha tambem missionarios francezes enviados pelo arcebispo de Argel, e estabelecidos nas margens do rio Louaba.

Ainda ha pouco os jornaes francezes publicaram uma carta na qual em phrases sentidas, o arcebispo de Argel noticiava á viuva Pascal a morte do seu filho Joaquim, superior da missão do lago Tanganica.

Joaquim Pascal fôra victima das febres. Os missionarios na Africa, não tom só a soffrer da fereza dos homens. Muitas vezes succumbem na proveitosa, mas humilde obra em que andam empenhados, victimas do clima, e cõthem a morte como premio unico no mundo das suas fadigas e dos seus trabalhos.

Não é só na Africa que a França subsidia missionarios. Em 1850 o governo francez, e note-se que era um governo republicano, quiz estabelecer uma penitenciaría agr.cola na Guyenna e mandou para lá trades.

Foram oito os primeiros enviados, e a grandeza dos serviços por elles prestados corre parellas com a dos sacrificios e inclemencias porque passaram esses homens cheios de resignação e de fé.

A aspreza do clima é extraordinaria.

A avaliar-se pelas descripções que d'este paiz fazem os escriptores, a nossa Guiné, comparada com a Guyenna, fica a perder de vista no que respecta a más condições hygienicas.

Para conservar a vida, os pobres padres têm de lutar, e lutar sempre com os *chiques*, pequenos insectos que se introduzem dentro da pelle, causando dores horribes; com os *macqua*, moscas que se introduzem nas fossas nasaes, dando lugar á formação de pequenos vermes, que começam a devorar o homem, antes d'elle ser cadaver; com as grandes e frequentes ophthalmias; com a febre amarella, que não se esquece de visitar aquellas paragens, etc. Apesar de tudo a penitenciaria agricola lá existe dirigida por missionários que foram para lá mandados pelo governo republicano de França, e que ainda hoje o governo tambem republicano ajuda, protege e sustenta.

E que vemos nos Estados Unidos?

O que faz essa nação tão grande pelo arrojo dos seus commetimentos, pelo adiantado da sua civilisação, e que todos os dias dá lições ao mundo, assombrando-o com o seu incessante progredir, progredir, que é a um tempo a admiração e a inveja do velho continente europeu? (*Apoiados.*)

A grande republica americana trabalha sempre, não cessa no seu lidar constante, e todos os dias trata de alargar e augmentar os seus estados.

Bosques frondosos, onde ainda ha pouco, não se ouvia nem o som do machado, nem a voz do homem, onde reinava silencio profundo, apenas interrompido a espaços pelo rugido das feras e pelo canto das aves, desaparecem como por encanto, para dar lugar a povoações novas. (*Vozes:—Muito bem.*)

Mas os americanos, quando tratam de fundar uma povoação, a primeira cousa em que pensam, o que fazem antes de tudo, é levantar um templo e ao lado do templo uma escola. Tanto aquelle povo reconhece a importancia da religião.

Se quizermos tratar da colonisação da Africa e promover o engrandecimento das nossas colonias, não devemos desprezar o elemento religioso.

Nem todos porém, infelizmente entre nós, pensam que é necessario e conveniente seguir os exemplos, que a este respeito nos dão as nações cultas.

Não pretendo afirmar que todos os homens illustrados do nosso paiz, e que pensam seriamente nas colonias, sejam da opinião que se devem esquecer as necessidades do culto e clero ultramarino.

Peço licença á camara para contar um facto, um facto que ainda ha pouco tempo succedeu commigo, e cuja authenticidade posso garantir.

Um dia encontrei-me por acaso com o meu antigo amigo, a quem estimo muito, o sr. Rodrigo Alfonso Pequito. Conversei largamente com elle a respeito do estado presente das nossas colonias e quanto urgia prover de remedio o abandono em que se encontravam.

No meio, porém, da nossa conversação, ou pratica, lembrei-me eu de atathar dizendo: *mas Portugal não quer padres!*

Com grande surpresa minha replicou o sr. Pequito, dizendo: «não querem padres?»

Eu quero-os, quero muitos, quero-os em grande quantidade, convenientemente educados e sufficientemente illustrados.

«Quando se fundou a sociedade de geographia em Lisboa, continuou o sr. Pequito, um dos nossos consocios, logo em uma das primeiras sessões fallou da necessidade de instituições monasticas e conventuaes para a civilisação da Africa, e semelhante alvitre foi muito mal acolhido pela sociedade. Filhos da geração nova, e educados nas ideas liberaes, que muitos julgam ser oppostas ás catholicas, ou conciliarem-se pouco com ellas, nos ouvimos com horror, ou pelo menos com pouco agrado, opinião tão singular.

«Mas passaram dias, decorreram semanas, volveram mezes e nós estudamos, reflectimos e amadurecemos a idéa que a principio não fôra bem ponderada, e afinal hoje no espirito, não direi de todos os socios da sociedade de geographia de Lisboa, mas n'um grande numero d'elles está o convencimento profundo de que os frades são indispensaveis para a civilisação africana.»

Estou auctorizado a contar este facto; de outra maneira não o relataria aqui. Elle vem em reforço das considerações que apresentei, e assevera que é impossivel tratar seriamente da civilisação das nossas possessões, continuando o elemento religioso a ser tratado pelos poderes publicos d'este paiz com incuria e desleixo, para não dizer com desprezo, como tem sido tratado até agora.

Já que fallei na sociedade de geographia de Lisboa, permitta-me v. ex.ª que eu n'esta occasião e n'este logar a felicite, na pessoa do sr. dr. Bocage, pelos muitos e relevantes serviços que ella, nascida ha dois dias, tem já prestado á patria, á sciencia e á civilisação. (*Apoiados.*)

O nobre empenho e zelo com que esta sociedade tem auxiliado e promovido as expedições scientificas e geographicas no interior de Africa são dignos de todo o elogio, assim como tambem é digno de todo o elogio o denodo, desembaraço e sciencia com que vindicou para o nome portuguez a honra e gloria que na prioridade das descobertas geographicas da Africa central inquestionavelmente nos pertencem, que a historia nos dá de um modo que não pôde ser contestado seriamente, e que estranhos e invejosos nos pretendiam usurpar. (*Apoiados.*)

Eu felicito na pessoa do sr. dr. Bocage a sociedade de geographia, sobretudo pela sua origem excepcional.

Todos nós sabemos, e isto não é offensa para ninguém, que somos essencialmente indolentes; uma nação de preguiçosos e de eterns menores. Amigimo-nos com a idéa de que chegue a epocha da nossa emancipação; não prescindimos de tutela; esperamos tudo do governo. Até já tem acontecido n'esta boa terra de Portugal uma esquisitice extraordinaria. Nas epochas eleitoraes alguns circuitos têm-se lembrado de requerer ao governo que lhes indique os candidatos. (*Riso.*)

A iniciativa particular entre nós é uma cousa rara, muito rara.

Ha no mundo dois povos que são grandes; e essa grandeza provém-lhes especialmente da iniciativa rasgada e ousada dos seus filhos.

Ha dois povos no mundo verdadeira-

mente grandes, a Inglaterra e os Estados-Unidos, e esses povos devem a sua grandeza, a sua prosperidade, e o seu esplendor sobre tudo a grande actividade, a grande iniciativa particular dos seus habitantes (*Apoiados.*)

Nós esperamos tudo do governo.

Como excepção a esta regra commum, appareceram nos ultimos tempos dois factos importantissimos: o methodo de João de Deus, ou antes a propaganda dada ao methodo de João de Deus e a sociedade de geographia.

Penso eu que o governo não tem ajudado de um modo conveniente o primeiro d'estes melhoramentos, que no meu humilde entender, é verdadeiramente giganteo, porque o methodo de João de Deus é sequestrar á ignorancia a geração nova, as creanças nascidas em Portugal, que até agora na sua grande maioria eram analphabetas. (*Apoiados.*)

E a ignorancia é a escravidão.

Ser ignorante é ter fechados os olhos do espirito, e eu quero a luz para todos. Ser ignorante é ser dependente, e eu quero que a liberdade não seja privilegio de alguns, mas patrimonio de todos. (*Apoiados.*)

E por isto que eu digo que o methodo de João de Deus é um melhoramento giganteo do nosso seculo, e lamento que o governo não tenha correspondido ao empenho com que a iniciativa particular trata do o propagar e estabelecer no paiz.

Sei que ha n'esta casa uma proposta para que esse methodo seja ensinado officialmente nas escolas. Eu mesmo tive a honra de a assignar.

Ignoro qual de-tino a espera, mas faço votos para que seja approvada. (*Apoiados.*)

Mais feliz do que a propaganda do methodo de João de Deus foi a sociedade de geographia de Lisboa, porque forçoso é dizer que o governo tem correspondido aos pedidos e ás solicitações que esta sociedade lhe ha feito. (*Apoiados.*)

Creio bem, e n'isto não vae o mais pequeno desejo de censurar o governo, que este tem ajudado a sociedade de geographia com empenho, menos attendendo á excellencia do fim a que ella se propõe do que ao valimento de alguns dos membros d'esta prestadia associação.

Creio bem que, se outras fossem as pessoas que na sociedade de geographia occupassem os logares de directores os seus pedidos e as suas justissimas reclamações não seriam attendidas com tanta presteza.

Mas aqui não tracto de inquerir intenções, registro factos. De resto applaudo e louvo o governo pelo caminho que tem seguido n'este assumpto e desejo que elle continue no mesmo procedimento.

Esta sociedade merece tambem, como ia dizendo, os meus elogios pela origem que teve.

Começou, fundou-se pela iniciativa particular, e é a iniciativa particular que a tem principalmente sustentado.

Ha em Portugal, e residem em Lisboa, dois mancebos com cuja amizade me honro e nos quaes ambos sobram os talentos, o desejo de saber, a actividade, o zelo, e o amor do estudo.

Um dia lembraram-se elles de fundar a sociedade de geographia, e o mesmo foi

pensar na idéa que metter mãos á obra e levar-a a cabo.

Estes dois mancebos são os srs. Cordeiro e Rodrigo Affonso Pequito. A' iniciativa d'elles se deve a fundação d'esta sociedade, (*Apoiados.*) e folgo muito em prestar aqui homenagem ao seu talento e merecimentos, e de registar este serviço assinalado que prestaram ao paiz, serviço que maior realce deu a's seus merecimentos que são muitos, merecimentos revelados na republica das letras e documentados por escriptos de valia que todos conhecem e apreciam. (*Apoiados.*)

Quero missionarios em as nossas possessões ultramarinas.

O sr. *Sousa Machado*:—*Apoiado.*

O *Orador*:—Julgo que são ali indispensaveis, se queremos realmente tratar a serio da civilisação das colonias.

Ha muita gente que se assusta quando ouve fallar em missionarios.

Nos escriptos da litteratura ligeira, sobre tudo nos romances, apparecem algumas descrições do que são no reino os missionarios as quaes são realmente tetricas.

Tenho lido algumas d'essas descrições, e lembro-me, sobretudo, de uma que li em um romance de *Julio Diniz*, ou antes do sr. *Gomes Coelho*.

Figura-se uma aldeia risonha e alegre, os camponezos aproveitam as horas que lhes sobejam dos trabalhos pesados do campo para se entregarem aos folguedos; as mulheres tratam cuidadosamente do arranjo da casa, preparam a comida e o fato para os maridos, curam diligentemente da educação dos filhos, e são boas esposas e boas mães.

Tudo é paz e felicidade.

Apparecem os missionarios, e o quadro muda. Era festivo o aspecto da terra, mas torna-se lugubre.

Os recémchegados fallam só das penas do inferno; incutem grande terror aos singelos habitantes da aldeia; as mulheres cortam o cabello, deixam o lar domestico, para empregarem as horas do dia, e muitas vezes parte da noite, nos templos, em resas muito compridas, e frequentarem todos os dias os sacramentos; os maridos queixam-se porque não encontram o jantar feito a tempo e a horas, porque não têm quem lhes concerte a roupa, nem cure da casa e da educação dos filhos.

Tudo é...

Uma voz:—São factos.

O *Orador*:—Eu venho aqui dizer a verdade. (*Apoiados.*)

A religião de que sou ministro é tão grande, tão sublime, tão divina, que não soffre abalo dizendo-se a verdade. Não precisa, antes detesta, a mentira e a hypocrisia. (*Apoiados.*)

É verdadeiro o quadro que reproduzi? Ha n'elle algum fundo de verdade? Infelizmente ha.

Para que havemos de negar que missionarios indiscretos exaggeram muitas vezes, e com as melhores intenções do mundo, mais prejudicam do que servem a religião? (*apoiados.*)

Digo-o alto e bom som, para que todos me ouçam.

Mas todos os missionarios espalhados pelo reino, derramados pelas nossas provin-

cias, procedem desatinadamente? Seria grave injustiça affirmal-o.

Por que alguns, de espirito acanhado e com illustração insufficiente, desvairem na pregação do evangelho, e façam tambem desvaírar cabeças fracas que os ouvem e attendem, nem por isso se segue que não haja outros, e são o maior numero, dignos de todo o respeito, por comprehenderem e desempenharem bem os seus altissimos deveres.

Alguns missionarios têm abusado, como tem abusado tambem padres que nao são missionarios. Acho isto a coisa mais natural do mundo.

Admirar-me-ia do contrario. Onde ha homens, ha abusos.

E a respeito de abusos de padres, permita-se-me fazer uma pergunta:

Se houvesse uma classe formada, não de padres, mas de leigos, que tivesse dezoito seculos de existencia, que nao se limitasse a um ponto do universo, mas que se estendesse a toda a parte do mundo, que tivesse a influencia que o clero tem tido em todas as epochas, mas determinadamente a que alcançou nos seculos da meia idade, pergunto essa classe teria commettido mais ou menos abusos do que o clero?

Ponha a camara a mão na consciencia e responda-me depois.

Sr. presidente, desenganemo-nos: os padres, pelo facto de serem padres, não deixam de ser homens, recebendo ordens não ficaram impeccaveis, e hão de commetter abusos, enquanto existirem.

Isto não desprestigia a instituição, que é tão forte, que resiste a estes abusos, (*Apoiados.*) contra os quaes são implacaveis muitos, que não hesitariam em os desculpar e applaudir até muitas vezes, se fossem praticados por seculares e nao pelos membros do clero.

(*Continua.*)

## RETROSPECTO DA QUINZENA

SUMARIO.—O «*Commercio de Portugal*» em contradição com um collega seu de *Paris*, acerca da lei *Ferry*.—Ignorancia e má fé dos commercieiros de cá, provada por uma noticia verdadeira.—*Continua o estado lastimoso da Russia*; um «*favor*» que devemos agradecer; prova o «*Commercio de Portugal*» que ha liberdade para os não catholicos; um ponto de admiração bem cabido e modelo para proclame de «*casamento*».—Sentimentos a um collega e receita para armar ao effeito.—Os hespanhoes a caminhar para traz; para quem é a liberdade em *Portugal*.—*Mais um*; compensações.—Os jesuitas avaliados por uma folha liberal.—*Faz-se a luz*; sempre a mulher em tudo; a canalha a fazer das suas.—Um jornal de modas; a nossa opinião acerca d'esta classe de leitura.

O «*Commercio de Portugal*», o mais declarado inimigo dos padres, e que faz alarde de seu amor pela liberdade, exulta de prazer ante a noticia que o telegrapho lhe transmittiu de estar em discussão o pro-

jecto *Ferry* acerca da instrucção, e brada n'estes termos:

«Serão, enfim, expulsos os jesuitas das escolas de França. E' esta uma data que merece da nossa parte registro especial. Factos de similhante ordem, não só honram uma camara, mas honram o paiz, honram a humanidade.

.....  
Sim! applaudimos essa nação nobilissima, que deseja repellir das escolas o clero damnhinho e perverso, o fanatismo odioso e insolente.»

Vejamos agora o que diz um jornal francez, que deve saber melhor do que o «*Commercio de Portugal*», as necessidades da França, e o quanto esta deve aos jesuitas.

E' «*Le Soir*» que falla:

«Em presença d'esta votação, que profundamente lamentamos, repetimos que a lei *Ferry* é anti-liberal, impolitica e propria para destruir o governo republicano, cuja consolidação sinceramente desejamos.

«Apesar do que dizem os seus partidarios, esta lei ataca fortemente a liberdade dos paes de familia; leva o susto ás consciencias catholicas, e suscita á republica esse poderoso inimigo, que se chama a Egreja, inimigo ante o qual o proprio sr. de *Bi-mark* se viu forçado a curvar a cabeça.

«Mas a lei não foi ainda approvada pelo senado. E nos desejamos que a camara alta faça uma applicação mais justa dos principios da liberdade e ao mesmo tempo cure melhor dos verdadeiros interesses da republica.»

Ahi fica a opiniao d'um jornal republicano francez, mas que se mostra verdadeiramente amigo da liberdade. Os nossos jornaes, quasi todos ao serviço da impiedade, da intolerancia, do despotismo dos tres pontinhos não entendem pobres creanças, o que seja liberdade.

E note-se que o «*Commercio de Portugal*» não é só inimigo dos jesuitas, é tambem inimigo de todas as escolas christãs. Para este novo campeão da imprensa impia do nosso paiz os padres são ignorantes ao mesmo tempo que fanaticos, e o ensino que se apoia na religião christã não pode fazer senão ignorantes. Mas da ignorancia do collega em taes assumptos, nasce certamente este modo de apreciar. Que não fique sem saber o que são as escolas christãs. Para isso damos-lhe a seguinte noticia que furtamos ao nosso collega da «*Palavra*»:

«As congregações religiosas que se dedicam á educação da mocidade, em França, são verdadeiramente incorrigiveis na pertinacia e constancia que empregam em ensinarem seus discipulos e discipulas. Em Ercheu, as Irmãs da Familia Sagrada, d'Anieus, acabam de apresentar a exame em *Roze* sete alumnas para obterem o certificado d'estudos. Todas sete ficaram approvadas e foram recebidas entre as dez primeiras das vinte e quatro admittidas pela commissão d'exames.

Na *Vendea*, as Irmãs que dirigem em *S. Vicente* — *Sterlange* a escola communal dos meninos, apresentaram a exame quatro discipulas. Ficaram todas quatro approvadas.

As Irmãs de *Bournezou*, que apresen-

taram cinco discipulas viram-as todas tambem approvadas.

Os Irmãos de S. Gabriel, da escola de Contomoy em tres discipulos que apresentaram obtiveram as tres approvações. Já é serem ignorantes!!!»

Temos para nós que d'estas escolas não sairão nunca os internacionalistas e nihilistas, que tanto mal tem feito e continuam fazendo á humanidade. E dizemos continuam porque todos os dias os jornaes trazem noticias que nos horrorisam.

Eis o que encontramos em um jornal, que nos admira não attribuir tudo o que vae ler-se á influencia dos jesuitas:

«Os terriveis incendios lançados n'este paiz haviam diminuido, graças as severas medidas tomadas pelo governo e pelos proprietarios; mas quando todos se felicitavam e suppunham que tudo entraria no estado normal, os habitantes das povoações importantes foram prevenidos por um aviso anonymo de que «em vista da indifferença das povoações para com os esportes que tem feito a junta revolucionária para salvar a Russia, o partido revolucionario resolveu continuar os incendios.»

Em vista d'estas ameaças as auctoridades tomaram em toda a parte severas medidas de precaução, mas tudo foi inutil. No dia 13 do passado foi incendiado Konugur, cabeça do districto de Perm. O fogo rebentou em doze sitios diferentes, causando muitas desgraças e reduzindo a povoação a cinzas. No mesmo dia foi incendiada a povoação de Tver, ascendendo a 300:000 rublos o valor dos prejuizos causados pelo incendio. Poucos dias depois, foi quasi reduzida a cinzas a cidade de Sítzan, situada nas margens do Volga. No dia 17 foi incendiada em Moscou uma grande fabrica, cujo proprietario se havia negado a entregar aos nihilistas 20:000 rublos. No mesmo dia houve tres incendios em Grosnoya, e cinco n'outra cidade do Caucaso. Tambem foi incendiada a casa do principe de Yonsouf, porque o seu secretario não quiz dar 6:000 rublos á junta revolucionaria.

Os districtos que mais têm soffrido com os incendios são os de Khartrof, Simbirsk, Vilna, Dufa, Thernigof, Petersburgo, Peusa Gronduo, Minsk Lovu, Lublin e Tonlo.»

O «Commercio de Portugal» não nos diz ser isto obra dos jesuitas, mas dizemos-lhe nós que é obra dos que têm as mesmas ideias que o collega e que outros muitos, infelizmente, proclamam em Portugal.

Sã fructos d'essa *liberdade* mentida que se ensina ao povo.

E por que fallamos em liberdade e nos occupamos com o «Commercio de Portugal» não podemos resistir ao desejo de lhe apontar uma noticia que lemos no seu numero 17, refutando pela segunda vez, com armas pelo collega fornecidas, o que affirmou ha dias, que n'este paiz para ser cidadão livre era preciso ser catholico.

A noticia que citamos do referido numero prova o contrario do que diz o collega. Ora leia:

*Casamento civil*—Pela administração do bairro central estão correndo editos de quinze dias, para a celebração do casamento civil do cidadão portuguez Antonio Dias Gonçalves com D. Anna Maria Gonçalves

Gradin. E' este o primeiro casamento civil, que deve realisar-se no dito bairro.

Ainda bem que o registro civil, tão necessario, tão urgente e tão reclamado vae já produzindo os seus effeitos, emancipando-nos do clero fanatico e das ligações catholicas e proclamando bem alto a liberdade, como a primeira de todas as virtudes sociaes.»

O que nos admira collega é que uma couza tão necessaria tão urgentemente reclamada não tenha sido posta em pratica ha mais tempo, e seja este cidadão e esta D. Anna não quadra bem este cidadão com o Dom? que façam a estreia. O termo forense de que o collega faz uzo não é mau. *Correm editos!*

Qualquer dia veremos um annuncio n'estes termos:

#### EDITOS DE 30 DIAS

Pela administração de... correm editos de trinta dias a citar todas as pessoas certas e incertas que se julgarem com direito á propriedade de D. Folana de tal; tendo o dito prazo tomará conta d'ella o cidadão folano, ou o que maior quantia offerecer no acto da praça.

E devem apparecer annuncios mais interessantes ainda! O que damos desde já é os sentimentos ao «Diario de Noticias» por que devem perder de moda os annuncios amorosos. Para que amores? Lá vae uma fonte de receita!

Bem pode depois o «Diario» offerter aos seus 20 mil leitores outra leitura. Faça como o «Commercio», abra uma secção denominada *Abaixo os Jesuitas*. Para não acontecer que isto por cá se fanatise como vae acontecendo em Hespanha.

Não sabem os leitores o que está acontecendo no reino visinho? Uma desgraça como outra igual se allí não vira ainda.

Ora leiam o que diz um jornal de Valencia:

«Temos uma verdadeira satisfação ao annunciar a nossos leitores a grata noticia de que no ultimo sabbado tomaram o habito no convento dos franciscanos do *Espirito Santo* sete novicos. A investidura fez-se com toda a pompa, como o dispõe o ceremonial da ordem franciscana.»

Esta noticia vai ainda ao «Commercio de Portugal» e com ella vamos acrescentar-lhe uma novidade, que ella finge ignorar. E' para isto que não ha liberdade em Portugal, n'este reino que tanto deve ás ordens religiosas, n'este paiz onde a sombra da igreja nasceram, viveram e se tornaram florescentes nas artes, n' commercio as mais importantes povoações. Para o que não ha liberdade em Portugal, collega, é para ser livre, para viver consoante os ditames da consciencia de cada um: mas para ser instrumento d'uma seita qualquer, para vir do alto da tribuna da imprensa insultar o que de mais caro existe entre um povo—as suas creenças—para isso ha plena liberdade.

Que importa porém, este desprezo com que os poderes publicos olham os negocios tendentes á Igreja? Que importa que meia duzia de sujeitos, ao soldo da impiedade, *deutem* arrastar as turvas para a borda do medonho abysmo, se os homens mais bem conceituados, que professavam outras religiões que não a nossa, voltam as costas ao erro, e vem engrossar as filas compactas do

catholicismo? Agora é o ingresso ao catholicismo de Lord Bury, uma das notabilidades de Inglaterra. Uma correspondencia de Londres para um jornal de Madrid dá a noticia d'esta abjuração nos termos que seguem:

«Sua recepção, (de lord Bury) e abjuração, verificou-se na igreja dos PP. do Oratorio, em Londres. É um personagem mui influente na sociedade e na politica de Inglaterra: foi thesoureiro da casa real e secretario particular do famoso conde de Russell; além d'isso é par do reino por direito proprio e é membro do conselho privado de S. M. São já seis, com elle, que fazem parte d'este conselho, sendo os restantes lord Henmare, lord Robert Montagu, lord Howard de Glossop e lord Emly.

A conversão de lord Bury traz á memoria a d'alguns outros ministros, como Mr. Monsell, e os citados lord Montagu, que recentemente entraram no seio da verdadeira Igreja.»

(Ora isto compensa em alto grão a Igreja dos desvarios que por aqui se notam, e não menos compensação se encontra no modo como a imprensa estrangeira avalia os jesuitas, que longe de os apodar de ignorantes, fanaticos, estupididealizados pelo fanatismo, os colloca a par dos mais distinctos sabios da época. Seja prova o que encontramos na «Liberté» de Paris, e que gostosos offertam os «Commercio de Portugal», e a todos os demais commercieiros do paiz:

«Os membros da Companhia são quasi todos homens eminentes. Entre elles encontram-se representadas todas as profissões liberaes. Citemos alguns numeros. O Padre Montfort é engenheiro na Escola Polytechnica; o Padre Tuquand, official de artilheria; o Padre Jomand, de caminhos de ferro; o Padre de Banzé, engenheiro de construcções navaes; o Padre d'Esclaibes, engenheiro de minas; o Padre Saussier é um antigo official de marinha; o Padre Bernier, é tambem antigo official de marinha; o Padre Plat, foi capitão de navios. Os PP. Lapedie, Escoffier e Fevre, foram os dous primeiros officiaes de estado-maior e o terceiro official de cavallaria. O padre Joubert, tem a borla de doutor em sciencias; o Padre Legonix a de doutor em sciencias naturaes; o Padre Verdier, desempenhou como supra-numerario uma cadeira de historia.»

Vão-se esclarecendo os factos com respeito a Napoleão. Era para nos um problema impossivel de resolver a partida do joven principe para terras d'África. Que interesse podia inspirar-lhe essa guerra contra selvagens? Mas eis que as ultimas noticias nos vem tirar do embaraço, ajudando-nos a resolver o problema. O joven Napoleão amava. A princeza Beatriz, de Inglaterra, havia-lhe inspirado um d'esses amores que não é dado aos principes. O enamorado mancohe carecia d'algunha cousa mais que o seu nome para offerter á filha dos imperadores da India e foi, longe dos afagos da mãe, procurar entre os selvagens alguns louros com que enramalhetar o braço dos Napoleões, tão salpicado de lama desde Sedan. Foi, e esse amor, essa affeição levou-o a praticar um acto de temeridade que lhe custou a vida. Aos gritos selvagens, ao gargallar estúpido dos zulús, talvez o jo-

ven soldado juntasse um grito de dor, d'en-  
volta com o nome da sua Beatriz!

Sempre a mulher como movel do todas  
as desgraças!!

Depois, com a morte do pequeno Na-  
poleão a França vestiu-se de luto e as exe-  
quias celebradas em todas as principaes  
cidades da republica foram a homenagem  
triste que o povo francez tributou á memo-  
ria do infeliz mancebo.

Mas até os funeraes em honra do prin-  
cipe serviram de tema para as vingancas  
mesquinhas dos amigos da liberdade. Os  
funcionarios publicos que foram assistir  
aos funeraes, em Inglaterra, foram privados  
do pão; e os catholicos que em França as-  
sistiram ás exequias foram perturbados pe-  
los gritos de — *abaixo os padres, vivam os  
zulus.*

A' vista d'isto parece-me que os fran-  
cozes não distam muito dos zulus. Verda-  
de seja que iguaes aos zulus, eram os ami-  
gos da liberdade, que em nome da *liberdade*  
assassinaram Luiz XVI.

Podia o jove príncipe esperar por uma  
ocasião igual, e escusado era ir á Af rica.

Tambem á nossa redacção chogou um  
jornal de modas. Quem havia de julgar  
que nós, strenuos defensores dos principios

catholicos, haviamos de lançar nossas vis-  
tas para uma folha que tem por titulo «Mo-  
da Illustrada»? E jámais quando se diz, se  
affirma, se apregoa, que os padres e os ca-  
tholicos, em meio do seu fanatismo não que-  
rem ver as mulheres senão com os cabellos  
cortados, com os olhos no chão, com as fa-  
ces desbotadas pelos jejuns, com o corpo  
vergado pelos cilícios, etc., etc., etc.?

Mas não será assim. Nós vamos des-  
mentir quem tal affirma, e vamos recomen-  
dar o jornal de modas.

Não recommendamos este, que por en-  
quanto apenas agradecemos ao seu editor,  
por isso que não lemos ainda os artigos que  
o acompanham; mas quando o tenhamos li-  
do, quando não encontrarmos n'elle nada que  
se opponha á moral, aos bons costumes e ás  
santas leis da decencia, não teremos duvida  
em recommenda-lo ás leitoras do «Progres-  
so Catholico.» Não fica mal a dama christã  
o deixar pender as formosas tranças de seus  
cabellos ou eleva-las em caprichosas espi-  
raes, seguindo a moda em todo o seu rigor.  
Que ella arraste a cauda de seus vestidos,  
ou que a apanhe graciosamente nada faz  
que mal fique a uma alma bem formada,  
uma vez que ella saiba esquecer os atavios  
de que usa para cahir de joelhos junto aos  
altares onde se venera o Deus vivo. Que

importa que a mulher leia um jornal de mo-  
das, se reserva tempo ainda para as suas  
devoções, para os seus trabalhos domesti-  
cos, para tratar do pai enfermo, para cuidar  
do irmãozinho innocente?

Que mal faz que ella segure em seus  
cabellos uma rosa, se não se esquece de en-  
ramalhetar com muitas outras o altar da  
Virgem?

Atayiae-vos virgem christã; patenteae  
as alegrias que vos vão n'alma, para con-  
fundirdes os inimigos do vosso Deus e de  
vos mesmas; e quando sairdes da egreja,  
quando voltardes a casa de cumprir as vos-  
sas devoções, fazei alarde das vossas flores  
e dos vossos livros de oração.

Nas flores mostrae-lhes a pureza de  
vossas almas, e no livro a santidade de vos-  
sas crenças.

Vamos ler o jornal e depois, se a reda-  
cção do mesmo souber juntar ao desejo de vos  
fazer elegante o corpo o de vos conservar  
na alma os santos principios da religião e da  
moral, ensinados por Jesus, vos diremos  
onde se assigna e a quem devemos o favor  
da offerta.

Por hoje ficamos aqui, ajuda que ou-  
tras obras temos a pedir-nos algumas linhas.

J. DE FREITAS.

## CORREIO SEM FRANQUIA

*Cartas recebidas desde 12 de julho e a que não podemos responder por outra via, do que pedimos desculpa*

Padre Francisco Antonio Bebolho. —  
Recebemos o importe da assignatura do  
«Progresso» e mais o de 1 fasc. da *Theo-  
logia*, que enviaremos logo que se publique.  
Tudo agradecemos.

Padre Estevão Coelho Dias. — Mudada,  
como deseja, a direcção.

Antonio Baptista Vieira. — Mudada a  
direcção como deseja.

Padre Miguel Augusto Ferreira. — Mu-  
dada a direcção.

Padre João de Deus Rodrigues. — En-  
viados os livros pedidos, excepto a «Morte  
ao Clericalismo» que irá em breve.

Padre Manoel Moreira Arauha Furtado  
de Mendonça. — Mudada a direcção. Agra-  
decemos o que nos deseja.

Dr. Balhazar Augusto Ribeiro. — Mu-  
dada a direcção a ambas as publicações.

Padre Manoel Maria Teixeira da Cos-  
ta. — Satisfizemos as ordens de v. ex.ª man-  
dando os n.ºs publicados.

José da Cunha Abreu Peixoto. — Os  
n.ºs que faltam serão reimpressos e envia-  
dos em seguida.

Francisco Ignacio dos Reis. — Muda-  
das ambas as assignaturas.

D. Maria Thereza Leme e Lencastre. —  
Recebemos o importe d'assignatura.

Augusto Correia Lima, Manoel Joa-  
quim da Costa Cruz. — Mudou-se as dire-  
cções.

Francisco Joaquim da Rocha. — Rece-  
bemos a quantia enviada, e expediremos os  
fasciculos logo que saíam. Direcção mu-  
dada.

José Joaquim Rodrigues Peixoto. — Re-  
cebemos e muito agradecemos as assigna-  
turas enviadas, que satisfizemos. Brinde  
expedido tambem. Tudo o mais comprido.

Padre Antonio José Marques. — Os  
numeros que faltam serão expedidos quan-  
do estiverem reimpressos.

Padre José de Souza Guedes. — Expe-  
dimos os livros pedidos. Agradecemos.

Padre José Francisco da Silva. — O  
snr. Padre Baptista só deve os fasciculos 13  
e 14. O mais não é meu.

Luiz Estellita Freitas. — Mudada a di-  
recção.

Domingos Antunes Moraes. — Recebe-  
mos a quantia enviada, que muito agrade-  
cemos. Expedimos os n.ºs publicados do  
«Progresso» reservando o mandar os que

faltam quando reimpressos. Faremos o mais  
como deseja.

Pedro de Souza Vadre. — Mudada a  
direcção.

Joaquim Moreira Maia. — Demos nova  
direcção ao jornal. Numeros que faltam vão  
ser reimpressos e depois irão.

Padre Justino Albano de Sá. — Expedi-  
mos o livro pedido, mas em lugar de 100  
réis, só recebemos 325 réis.

Padre Francisco Antonio Pereira. —  
Fica paga a assignatura de v. ex.ª, e mu-  
dada a direcção.

João Ignacio Ferreira. — Servimos o  
novo assignante.

Padre João Jacintho Armas do Ama-  
ral. — Recebemos a quantia enviada e ex-  
pedimos os livros pedidos. Conta depois a  
veremos

Padre Luiz Carlos de Faria. — Toma-  
mos nota das duas assignaturas. Conta de-  
pois.

Manoel Vieira Mendes da Silva. — Ja  
deve ter recebido os livros enviados. Rece-  
bemos a quantia que fez favor de mandar-  
nos.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Teixeira de Freitas — rua de S. Damazo, 50 a 54 — Guimarães